# Discurso de comemoração dos 128 anos do Instituto do Ceará, em 4 de março de 2015, pela oradora oficial da solenidade, Profª Drª Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, sócia efetiva da instituição e sua 2ª vice-presidente.

Cumprimento o Presidente da Casa, caro amigo, Educador Ednilo Soárez, e todos os nobres membros da Mesa, assim como meus colegas, sócios do Instituto do Ceará, em especial a valorosa ala feminina, agora acrescida da consócia Isabelle Braz, a quem dou as boas-vindas. Saúdo as famílias dos sócios, em nome das finas damas Fani Soárez e Bernadete Bezerra, e de meu gentil cavalheiro, Oswaldo Gutiérrez. Cumprimento a todos que nos honram com suas presenças.

Senhoras e senhores,

Dentre os convidados que aceitaram o chamado de nosso presidente, Educador Ednilo Soárez, e aqui estão para comemorar conosco os 128 anos do Instituto do Ceará, há alguns, ou talvez muitos, que também acudiram ao convite de nosso anterior presidente, Bibliófilo José Augusto Bezerra, e estiveram nesta sala, que homenageia o respeitado pesquisador e ex-presidente da Casa, Thomaz Pompeu Sobrinho, para participar, em 24 de abril de 2013, da cerimônia em que tomavam posse quatro novos sócios do Instituto, em nome dos quais, na ocasião, pronunciei-me como oradora oficial.

Naquele momento, há quase dois anos, invitei todos os presentes a uma viagem imaginária à Fortaleza de 1887, em seu espaço urbano delimitado pelas Rua da Praia e Rua da Misericórdia, Rua de Baixo, Rua de Dom Pedro e Rua Amélia, ruas de nomes tão belos como aqueles gravados na memória infantil de Manuel Bandeira e lembrados em seu comovente poema "Evocação do Recife".

> Rua da União...
> Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
> Rua do Sol
> [...] Atrás da casa ficava a Rua da Saudade...
> [...] Do lado de lá era o cais da Rua Aurora...

Partindo com nossos convidados da Praça do Ferreira, coração da pequena cidade, conduzi-os às proximidades do Palácio da Luz e da Igreja do Rosário, até a antiga Biblioteca Pública, onde assistimos, aos 4 dias de março de 1887, à criação do Instituto do Ceará.

No mesmo ano de 1887, presenciamos outra reunião, ocorrida 20 dias após a sessão inaugural do Instituto, quando foram aprovados seus estatutos, de que ressalto o primeiro parágrafo do Artigo 1: "O Instituto do Ceará tem por fim tornar conhecidas a historia e a geografia da Provincia e concorrer para o desenvolvimento das letras e das sciencias." E o parágrafo 5 do mesmo Artigo: "Publicará em uma revista trimensal as actas das sessões e os trabalhos e mimorias offerecidas pelos sócios."

Creio que se evidenciam os motivos que me levam a salientar o primeiro e o quinto parágrafos dos nossos estatutos originais: a intenção de por em relevo a vocação da instituição para a história, a geografia, as letras e as ciências e a escolha do veículo específico para a divulgação dos estudos e pesquisas de seus sócios nessas áreas: a revista anunciada receberia o título de *Revista do Instituto do Ceará* e vem sendo ininterruptamente publicada, com periodicidade anual, durante os 128 anos de existência desta Casa. Não preciso dizer, mas quero ressaltar, que é de espantar e louvar, tanto a incomum longa vida da *Revista* em período de tempo que viu, em nossa terra, inúmeros periódicos culturais nascerem e fenecerem, quanto a valiosa contribuição que a *Revista* vem prestando ao conhecimento, nas diferentes áreas de estudos a que se dedica, especialmente no que se refere à pesquisa sobre o Ceará.

Abramos sua primeira edição e, antes mesmo de começar a leitura, passemos uma vista d'olhos em suas páginas: percebemos, pelos títulos dos artigos, a relevância dos assuntos estudados, o que se comprova após leitura. Exemplifico: "A Primeira Villa da Provincia: Notas para a Historia do Ceará", em que J. B. Perdigão de Oliveira publica e comenta documentos sobre a antiga questão que opõe Aquiraz a Fortaleza, no estabelecimento de qual foi a primeira villa da Provincia; ou "Vida de Antonio Rodrigues Ferreira – o Boticário Ferreira", de Paulino Nogueira, nosso primeiro presidente, que mostra a relevância do Boticário na consolidação urbana de Fortaleza; e, ainda de Paulino Nogueira, o "Vocabulário Indigena em uso na Provincia do Ceará, com explicações Etymologicas, Orthograficas, Topographicas, Historicas, Therapeutica, etc", que levanta, de A a Z, nomes indígenas naquele tempo, e hoje ainda, usados no nosso falar. Ilustro

parcamente, apenas com algumas palavras iniciadas com a primeira letra do alfabeto: a fruta Araçá; a localidade Acarape; a ave Arapónga, a bebida Aluá, entre muitos outros vocábulos que aí ficam registrados.

Seria impossível resenhar, nessa breve fala que celebra o aniversário da nossa instituição, o amplo feixe de assuntos abordados nos numerosos artigos que compõem as 128 edições regulares e as 8 edições especiais da *Revista do Instituto*, essas últimas publicadas em ocasiões de grande relevância na história do país, do Ceará e do Instituto, como podem avaliar por suas datas e temas:

**1924**. 1º Centenário da Confederação do Equador; **1929**. Falecimento do Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil; **1938**. Falecimento do Barão de Studart; **1956**. 1º Centenário de nascimento do Barão de Studart; **1972**. Sesquicentenário da Independência do Brasil; **1977**. 90º Aniversário do Instituto do Ceará; **1984**. 1º Centenário da Abolição dos Escravos no Ceará; **1987**. 1º Centenário de Fundação do Instituto do Ceará.[1]

Quatro diferentes índices cumprem, com competência, o papel de facilitar buscas específicas para leituras e pesquisas, ao organizarem por nome e assunto, e/ou com anotações, os artigos que se contêm nas *Revistas*. Abrangendo o período de 1887 a 1954, o índice formulado por um dos mais respeitados historiadores do Brasil, sócio do IHGB e membro da ABL, José Honório Rodrigues, com Leda Boechat Rodrigues, foi publicado em livro pelo Instituto. Raimundo Girão, notável intelectual cearense e sócio do Instituto, também organizou índice relativo ao mesmo período. O sócio efetivo do Instituto, Pedro Alberto de Oliveira Silva, dando continuidade a esse importante instrumento de pesquisa, vem prestando relevante serviço à instituição ao atualizar esses índices em duas etapas: de 1955 a 1997 e de 1998 a 2008. *O Índice Temático,* de Maria da Conceição Sousa, é também de consulta obrigatória.

Assinalo que outro instrumento de ajuda à pesquisa vem sendo a digitalização das *Revistas*, por permitir acesso fácil e rápido a esses periódicos, através da internet e/ou de DVDs.

Meu intento de mostrar aos senhores e senhoras a riqueza do acervo de nossa *Revista* leva-me a arriscar mais algumas linhas com alusões a outros artigos, sobretudo dentre os mais antigos.

[1] Aliás, permito-me aqui uma sugestão a meus consócios e, especialmente, à excelente Comissão da *Revista*: a de publicarmos uma edição especial pelos 130 anos do Instituto, em 2017.

Na edição de 1888, pinço, no artigo "Fortaleza do Ceará (Fortificação)" do já citado Paulino Nogueira, um trecho que nos merece atenção: "...Capella de N.S. d'Assumpção, edificada na praça de armas da fortaleza, a que deu o nome, por quasi um século servio de matriz aos moradores da parochia da Capitania do Ceará Grande até 15 de maio de 1700, com a denominação também de "Oratorio dos soldados".(p.129). Além da narração dos fatos narrados no texto integral, a citação de outros historiadores, a transcrição de documentos (como o auto da fundação, de 12 de outubro de 1812), o pesquisador recolhe depoimento oral de um "velho" de sua época, que "era menino, quando trabalhou na obra como servente"(p.123) e reproduz dizeres na forma de versos, inscritos no frontispício da construção do forte, de que reproduzo, um tanto acabrunhada, alguns versos:

> Terra infame, infernal, oh! Fortaleza,
> Que tens o nome vão, sem força alguma,
> Que dás acolhimento ao irmão do Pluma:
> É quanto basta a prova de vileza!

O tema relativo ao forte será retomado em várias edições da *Revista*, de que é exemplo o artigo "Descripção da cidade de Fortaleza" (p.147-221), de Antonio Bezerra de Menezes, na edição de 1895, posteriormente publicado em livro, e o artigo "Fortaleza de N.S. d'Assumpção" (297-302) da *Revista* de 1905, por Eduardo M. Peixoto, que cita vários artigos e documentos publicados em edições anteriores da *Revista*, mostrando que assim também caminha a pesquisa, na aproximação de várias pesquisas sobre um mesmo tema. Na mesma edição da *Revista*, Guilherme Studart, exemplo de dedicação ao resgate de nosso patrimônio documental histórico, em "Documentos para a Historia de Martim Soares Moreno" (p.1-116), colige e publica várias cartas, de que citarei dois fragmentos para mostrar sua contribuição ao que se propõe o Barão – mostrar dados para o avanço da construção histórica desse personagem que, aliás, a essa época, já transmigrara da história à ficção pela pluma de Alencar. Lembremos, aliás, que, neste ano, comemoramos os 150 anos do romance *Iracema*, que saiu à luz em fins de 1865, e que é tão significativo para o Ceará, por ser de autor cearense, por ter sido gerado a partir da intenção de criar epopeia e mitos da nossa terra, por ter-se imbricado de forma irreversível na história, na geografia (de que é exemplo o nome de Iracema em praia, bairro, cidade), na cultura, no imaginário, nas artes cearenses.

Voltemos às cartas mencionadas: entre várias em idioma espanhol com a grafia do escrivão público Adriano de Erasso, da cidade de Santo Domingo, em 1613, que transcreve depoimentos de Jeronimo de Albuquerque, entre outros, dando notícias sobre Martim Soares Moreno: "que conoze á el Capitán Martin Xuarez Moreno de quatro ó cinco años á esta parte y save que el susodicho es capitan y alcaide de la fuerza del puerto de Seara y que tiene á su cargo por orden de Su Magestad ..."; ou uma correspondência do Governador Gaspar de Sousa para El-Rey, de 12 de abril de 1612, que trata da projetada Jornada do Maranhão, assim se refere ao personagem da história do Ceará,: "capitão Marty soarez com alguns poucos soldados que em meu tempo fez muy boas sortes aos pyratas q'andavão por aquella costa tomandolhe embarcações e mattando e cativando muytos deles." (p.50)

Ainda na edição de 1895 da *Revista*, o "Juizo Historico do Senador Pompeu sobre Fatos do Ceará", dado a publicar por seu filho Thomaz Pompeu, que viria a ser o segundo presidente desta Casa, contém documentos e observações sobre secas, desvios de alimentos enviados pelo governo imperial, mas, importa, especialmente, pela reação de seu autor, de extrema indignação, à Mortandade dos Recrutas que documentos antigos, datados de quando ele não teria mais do que oito anos, denunciam: "Como era de prever, os infelizes amontoados no purão da galera em número muito superior á sua lotação, já atacados de varíola, foram logo sendo victimas da peste, que desenvolveu-se horrivelmente, morrendo quasi todos, fazendo o comandante protesto pelo resultado desse morticínio...

O governo imperial despertado por tão espantoso desastre ordenou por aviso de 7 de junho de 1826 que o presidente informasse sobre os motivos, ou causas que prepararam esse triste acontecimento."

Na segunda edição da *Revista*, de 1888, um tema que hoje constitui imensa preocupação no mundo – "As evoluções do clima"- aí está, analisado a partir de conhecimentos e prognósticos da época. Pergunta-se o autor, Joakim Catunda: "A terra offerecerá sempre, d'ora em diante, condições de habitabilidade aos seres que actualmente a povoam?" E, após analisar "a causa eficiente dos fenômenos que produziram a diferença dos climas", assim termina o artigo: "um sol pálido e sem calôr, que afinal se apagará no spaço, deixando a terra alumiada somente da luz sideral". Outro assunto que aflige a contemporaneidade tem espaço na *Revista* de 1907, no artigo "A diminuição das Águas no Brasil', do Dr. Barbosa

Rodrigues, que termina com a seguinte frase: "Serei Cassandra, mas vejo o futuro ameaçador de uma grande catástrofe, - a secca geral do globo".

Continuando mais algumas alusões a artigos e documentos da *Revista do Instituto*, remeto-os à sua edição de 1898 que apresenta documento intrigante para os nossos dias: uma carta de doação ao IHGB de retrato "em tamanho natural e ricamente emmoldurado do ex-Imperador do Brazil o Snr Pedro Alcantara, o qual se achava no salão nobre do Paço d' Assembléa Legislativa Provincial" e em final de 1889, logo após à Proclamação da República, fora daí removido para o Instituto.

Busquei o outro lado do caso do retrato do Imperador na *Revista do IHGB*, edição de 1898, e aí encontrei a confirmação do fato e a informação de que tal retrato é pintado a oleo (ou era, pois devido ao imenso número de iconografias pertencentes ao IHGB, não consegui verificar se o retrato ainda consta do acervo, mas averiguarei, posteriormente, com mais tempo[2]), que é tido como "magnifica tela" pelo IHGB (p.604-605, referente a Expediente da Sessão Ordinária de 29 de julho de 1898).

Fiquei com pena de termos perdido esse retrato tão elogiado pelos dois lados da doação... Talvez os temores do momento político da ainda muito jovem república, que mal entrara em sua fase civil e mal saíra da fratricida Guerra de Canudos, expliquem o fato, de que, aliás, somente agora tomei conhecimento, e ainda não pude amadurecer com pesquisa mais detalhada. Realmente, como narrei em conferência pronunciada nesta Casa, intitulada *Traços para o Retrato de Thomaz Pompeu*, que, tendo publicado artigo sobre o já falecido Imperador Pedro II, em dezembro de 1899, Thomaz Pompeu foi preso por ordem do General Artur Oscar e, somente após *habeas corpus* impetrado por Rui Barbosa, veio a ser solto.

Leitora da *Revista* desde muito antes de minha entrada no Instituto, revelo que, dessa experiência de leitura, venho colhendo informações que me instigam à escrita de vários artigos, conferências e discursos, o que comprovo nas linhas seguintes.

"Os sinos da Igreja do Patrocínio soam as quatro badaladas, quando duas senhorinhas, acompanhando o pai, o médico César Rossas, saem de casa, à rua 24 de maio, em direção à antiga Praça Marquês de Herval, que

[2] O colega Geová Cavalcante informou-me que, a partir de minha referência ao mencionado retrato de Pedro II, procurou-o na sede do IHGB e lá o encontrou exposto.

já fora Largo do Patrocínio e, a partir de então, recebe o nome de José de Alencar. O burburinho de vozes de crianças, os sons da banda de música, o colorido dos jardins contrastam com o ar compungido das mocinhas, de luto fechado pela morte recente do avô. As duas, comme il faut, usam chapéu. A mais velha, de dezessete anos, ajeita o chorão de crêpe, que sai do chapéu na altura da nuca. A mais nova, nos seus doze anos rebeldes às convenções sociais, colocara, como sempre a contragosto, um chapeuzinho colado à cabeça, com a pequena aba virada na testa.

Ao chegar à Praça, a menina lembra o avô amado que deveria estar ali, participando da festa. Muitas vezes, conversara com o avô sobre os romances de José de Alencar. E, poucos instantes antes de sua morte, súbita, inesperada, vira-o escrevendo sobre o romancista. Um artigo para a *Revista do Instituto*, dissera-lhe. Depois de tudo acabado, a menina pediu à mãe para ler as páginas que ficaram esparsas sobre a escrivaninha.

Começavam assim:

'José Martiniano de Alencar

pelo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil

Antes de delinear o perfil literário de José de Alencar, permita-se-me tracejar-lhe rapidamente a biographia.'

Mais tarde, essas mesmas palavras poderiam ser lidas, já não através da letra miúda e elegante do avô da menina, mas na *Revista do Instituto do Ceará*.

O que acabo de lhes contar, foi-me narrado por minha mãe, Sra Angela Laís Pompeu Rossas Mota, no dia 1º de maio de 2009, recordando seu tempo de menina de doze anos, quando fora assistir à cerimônia de inauguração da estátua de José de Alencar, no centenário de nascimento do escritor cearense."

Retiro esse fragmento, que acabo de ler, da conferência "O Ceará no centenário de José de Alencar e a *Revista do Instituto do Ceará*", que pronunciei no Seminário José de Alencar 180 anos, promoção dos programas de Pós-Graduação em História e em Letras da UFC, em maio de 2009, analisando, a partir de informações da *Revista do Instituto do Ceará*, a recepção da estátua do escritor em bronze, do escultor Rodolpho Bernardelli, no Rio, em 1897, e a de Fortaleza, de Humberto Bartholomeu Cozzo, em 1929. Aliás, assinalo que, temos aqui no Palacete Jeremias Arruda, preservado, o molde da cabeça dessa estátua, criada pelo renomado escultor Cozzo, que fora escolhido em concurso público de âmbito nacional

promovido pela Associação Cearense de Imprensa – ACI. Inclui-se entre as obras mais famosas do artista a estátua de Machado de Assis que pode ser admirada à frente da Academia Brasileira de Letras.

Em outras ocasiões - em meu discurso de posse na Academia Cearense de Letras e em discurso intitulado "Thomaz Pompeu e sua Casa," pronunciado no aniversário da ACL, em 1999, além da memória familiar e de outras fontes, utilizei informações da edição especial de 1929, publicada sob o impacto do falecimento do então presidente do Instituto, o que vem narrado na transcrição de jornais e em artigos nas páginas da *Revista* dedicada exatamente a Thomaz Pompeu, no ano de sua morte.

Aliás, a edição de nossa *Revista* referente a 2014 traz o discurso "Os 120 anos da Academia Cearense de Letras", que pronunciei no ano passado, no aniversário da Academia e que o Presidente do Instituto, considerando que, nessa fala, saliento as importantes relações históricas e culturais que irmanam as duas únicas instituições culturais nascidas no século XIX e ainda vigentes no Ceará –Instituto e Academia , - achou por bem publicar, para minha honra, nesse volume 128.

Aliás, as duas instituições, sob presidência de gestores competentes e dedicados – Ednilo Soárez, no Instituto, e José Augusto Bezerra, na Academia – vêm dando impulso às atividades que representam o desenvolvimento das letras e ciências e o acesso da sociedade a seus acervos e atividades culturais e superando dificuldades financeiras inerentes, sobretudo, à manutenção de suas sedes – o Palacete Jeremias Arruda e o Palácio da Luz, respectivamente, enquanto buscam a necessária autonomia financeira dessas instituições para melhor desenvolvimento de seus projetos.

Como centrei-me na importância da *Revista* para respaldar o conceito de respeito que o Instituto do Ceará construiu e constrói em sua história, não aludi a outros ramos de ação da nossa Companhia que exigem esforço contínuo do Presidente, da Diretoria, de sócios e funcionários da Casa e que seria injusto não mencionar, como o belo Museu Barão de Studart, à disposição da sociedade para visitas ao passado do Ceará, através de moderna tecnologia; a Biblioteca, com seu rico acervo de mais de 35 mil volumes, incluindo obras publicadas pelo Instituto, como o livro *Arquivos do Barão de Studart*; a Hemeroteca, (onde se encontram exemplares dos periódicos, *A República*, *O Ceará*, *O Cearense*, entre outros), e demais fontes de consulta: mapoteca, arquivo documental, arquivo iconográfico,

arquivo digital (em que se incluem a coleção *Almanaque do Ceará* e a *Revista do Instituto do Ceará* ), todas abertas à pesquisa, com local de apoio para os leitores, a Sala Capistrano de Abreu; o competente Laboratório de Recuperação de Livros e Documentos, que vem prestando indispensável labor no restauro de obras raras; os trabalhos de manutenção da sede, de seu mobiliário e de seus objetos de arte; a útil Livraria Sebo da História, com acesso via Internet; os ciclos de conferências, tão importantes para a vida científica e cultural da instituição; os convênios e parcerias com outras instituições; o incentivo a colégios e escolas para visita à sede do Instituto, incluindo concurso de redação com tema sobre o Instituto; abertura da sede a lançamentos de livros dos sócios. Interrompo aqui embora muito pudesse ser dito se o Presidente Ednilo, deixando a modéstia à parte, tivesse atendido à minha sugestão de apresentar, nesta sessão, uma fala-relatório de atividades de seu primeiro mandato à frente do Instituto do Ceará[3].

Reservei o final de minha fala para agradecer ao Presidente que, além de honrar-me com a missão de falar em nome do Instituto nesta solenidade de comemoração dos 128 anos da Casa do Barão de Studart, causou-me grande prazer em dar-me a oportunidade de, no meio do turbilhão da vida, reler muitas páginas de pesquisas, ensaios e documentos sobre a instituição, o Ceará e o Brasil na *Revista do Instituto do Ceará*. Na ocasião em que a Diretoria do Instituto toma posse para nova gestão, desejo ao colega Presidente e a todos que participamos do Instituto que possamos, daqui a dois anos, comemorar os 130 anos da instituição com a serenidade de quem "combateu o bom combate". Obrigada.

[3] É importante ressaltar que o Presidente arcou com a maior parte das despesas de aquisição e instalação de pequeno elevador para acesso de pessoas com mobilidade reduzida ao primeiro andar do Palacete.